

## A BIOÉTICA COMO ÉTICA APLICADA: A SAÚDE EM DESTAQUE

*Anor Sganzerla<sup>1</sup>*

[orcid.org/0000-0001-8687-3408](https://orcid.org/0000-0001-8687-3408)

*Diego Carlos Zanella<sup>2</sup>*

[orcid.org/0000-0002-2180-4011](https://orcid.org/0000-0002-2180-4011)

*Alberto Paulo Neto<sup>3</sup>*

[orcid.org/0000-0003-2322-1984](https://orcid.org/0000-0003-2322-1984)

*Caroline Good<sup>4</sup>*

[orcid.org/0000-0001-7625-0303](https://orcid.org/0000-0001-7625-0303)

**RESUMO:** O nascimento da bioética como ética aplicada tem na dimensão da saúde o seu elemento de destaque. O conceito de saúde, por sua vez, não mais estaria limitado à saúde humana, mas sim à saúde da biosfera, uma vez que se reconheceu que o adoecimento de uma das partes provocaria o adoecimento da outra parte. Nesse propósito de ampliar a dimensão ética para assegurar a totalidade da vida da biosfera, diferentes pensadores deram a sua contribuição. Nessa reflexão, queremos destacar dois deles: o bioquímico norte-americano Van Rensselaer Potter, conhecido como um dos pais da bioética, e o filósofo alemão Hans Jonas. Nesse sentido, o problema a ser enfrentado nesse artigo pode assim ser expresso: como a bioética enquanto ética aplicada, com destaque à saúde, está presente no pensamento de Jonas e de Potter? Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico-reflexivo. Conclui-se que tanto Jonas quanto Potter reconhecem as ameaças à vida humana e da biosfera, e a partir desses perigos propõem uma ampliação dos parâmetros éticos em busca de uma nova sabedoria

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Coordenador do Doutorado Internacional em Humanidades na parceria da Pontifícia Universidade Católica do Paraná com a Universidade Católica de Moçambique (Quelimane – África). Professor Visitante da Universidade Católica de Moçambique. Líder do grupo de pesquisa Bioética e Biotecnologia e membro dos grupos de pesquisa Bioética Ambiental e Hans Jonas. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética. Membro da Cátedra Hans Jonas Brasil. E-mail: anor.sganzerla@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia e mestre em Bioética. Professor de Bioética e Humanidades da Universidade Franciscana (UFN). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) e da Comissão de Ética nos Uso de Animais (CEUA). Membro da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) e atual presidente da seção regional no Rio Grande do Sul (gestão 2020-2022). E-mail: diego.zanella@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Filosofia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Tem experiência na área da Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política, atuando nos temas destaque: Bioética e Direitos Humanos, Teorias da democracia, Teorias da justiça, Republicanismo e Liberalismo Político, Filosofia Política, Filosofia do Direito. Autores em destaque: Immanuel Kant, Jürgen Habermas, Ronald Dworkin e Philip Pettit. É líder do Grupo de Pesquisa: Justiça e Direitos Fundamentais (CNPq/PUCPR – Campos Londrina) e membro do “Espacio abierto de Inteligencia artificial” da UNESCO para a América Latina y el Caribe. E-mail: alberto.paulo@pucpr.br

<sup>4</sup> Mestra em bioética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Graduada em Ciências Biológicas. E-mail: carol\_good\_13@hotmail.com

para assegurar a sobrevivência humana e planetárias futuras com qualidade. Esse conjunto de saberes interdisciplinares reconhece a existência de um equilíbrio do ecossistema. É esse equilíbrio que assegurará a saúde humana e da biosfera de modo autêntico, harmônico e sustentável no futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioética. Ética aplicada. Saúde. Jonas. Potter.

## **BIOETHICS AS APPLIED ETHICS: HEALTH IN THE SPOTLIGHT**

**ABSTRACT:** The birth of bioethics as applied ethics has its prominent element in the health dimension. The concept of health, in turn, would no longer be limited to human health, but rather to the health of the biosphere, since it was recognized that the illness of one party would cause the illness of the other party. In this purpose of expanding the ethical dimension to ensure the totality of life in the biosphere, different thinkers made their contribution. In this reflection, we want to highlight two of them: the American biochemist Van Rensselaer Potter, known as one of the fathers of bioethics, and the German philosopher Hans Jonas. In this sense, the problem to be faced in this article can be expressed as follows: how is bioethics as applied ethics, with emphasis on health, present in the thinking of Jonas and Potter? This is bibliographical research of an analytical-reflective nature. It is concluded that both Jonas and Potter recognize the threats to human life and the biosphere, and based on these dangers, they propose an expansion of ethical parameters in search of new wisdom to ensure future human and planetary survival with quality. This set of interdisciplinary knowledge recognizes the existence of a balance in the ecosystem. It is this balance that will ensure human health and the biosphere in an authentic, harmonious, and sustainable way in the future.

**KEYWORDS:** Bioethics. Applied ethics. Health. Jonas. Potter.

## **INTRODUÇÃO**

Em um artigo originalmente publicado em 1973, Daniel Callahan (1930-2019), filósofo-bioeticista estadunidense e fundador do *The Hastings Center* – o primeiro instituto de pesquisa em bioética no mundo –, contou sua experiência com a bioética a partir de três situações curiosas. A primeira dessas situações é sobre certa crítica recebida pela publicação de um livro sobre o aborto. Ele foi questionado por simplesmente aplicar todo o aparato filosófico, que recebeu em sua formação de filósofo, em sua análise sobre o tema do aborto e por não praticar a ética em tal análise. A segunda dessas situações vem de um seminário ministrado por ele sobre ética e controle populacional. A crítica girou em torno do trabalho feito pelos filósofos, os quais apenas fazem distinções técnicas, e, em alguns casos, refinadas demais. A terceira e última

dessas situações relata a tentativa de Callahan em convencer um grupo de médicos que eles não eram qualificados o suficiente para tomar boas decisões éticas. A resposta dos médicos veio na mesma moeda, pois apontou que os filósofos também não estão preparados o suficiente para tomar decisões éticas frente a uma decisão angustiante (CALLAHAN, 2017, pp. 99-100).

Essas situações serviram de base para Callahan escrever seu artigo, em 1973, sobre a nova disciplina da bioética, quando a palavra “bioética” havia recentemente sido criada nos Estados Unidos, em 1970, com a publicação do artigo seminal de Van Rensselaer Potter (1911-2001), *Bioética: Ciência da Sobrevivência*, e, no ano seguinte, em 1971, com a republicação desse artigo como o primeiro capítulo do livro que deu nome a área, a saber, *Bioética: Ponte para o Futuro* (POTTER, 2016). O artigo de Callahan é o primeiro na literatura bioética a apresentar uma preocupação entre a relação da bioética com a filosofia. Outros autores, no entanto, abordaram essa mesma questão, embora esse tipo de abordagem não seja muito comum.

No Brasil, quando se começou a falar em bioética, no início dos anos 1990, essa questão foi deixada aos filósofos. Foi nessa época que foi criado o primeiro periódico nacional sobre bioética, a *Revista Bioética*, do Conselho Federal de Medicina (CFM), fundada em 1993. Dois anos depois, em 1995, era criada a Sociedade Brasileira de Bioética (SBB), embora o desejo para tal já existia há pelo menos três anos (HOSSNE; ALBUQUERQUE; GOLDIM, 2007, p. 148). De forma ainda mais específica, quando se considera a chegada da bioética no Brasil e seu desenvolvimento posterior, percebe-se que ela se consolida e se legitima pelo seu interesse nos problemas éticos de saúde pública. Essa descrição é evidenciada pelo contexto sociocultural do país, pois os principais questionamentos bioéticos estão direcionados às iniciativas de minimizar os problemas e as desigualdades sociais persistentes na sociedade brasileira, além de sua perspectiva de defesa dos direitos humanos. Nesse sentido, as produções bioéticas brasileiras estão estreitamente vinculadas com as pautas do movimento da reforma sanitária, que culminou no capítulo sobre a saúde na Constituição Federal (DINIZ, GUILHEM, GARRAFA, 1999; SCHRAMM, 2008; PORTO; GARRAFA, 2011).

Mesmo que atualmente a bioética brasileira se ocupe de praticamente todos os temas da bioética mundial, a grande maioria dos trabalhos publicados aborda os conflitos morais que se referem aos aspectos bioéticos da saúde pública. É possível, desta forma, constatar nestes

trabalhos, por exemplo, a prevalência da questão da justiça em uma clara relação com a ética e a política (BRAGA, 2002; ZANELLA; GUILHEM, 2023). Além da associação com o movimento da reforma sanitária brasileira, outros motivos podem ser indicados para a existência de uma bioética mais direcionada às questões técnicas do que à própria reflexão.

O Brasil demorou mais de vinte anos para incorporar formalmente a bioética como um campo de estudos e mais outros tantos para começar a rever e adaptar à realidade brasileira as propostas discutidas mundialmente [...]. Deve-se considerar, no entanto, que nessa época o país esteve sob a ditadura militar, o que torna compreensível o largo período que a bioética levou para se consolidar no Brasil. Ainda que possam haver outras razões, o jugo da ditadura pode ser considerado motivo mais que suficiente para dificultar a introdução no país de um campo de estudo que se propõe a discutir a ética das relações e inter-relações, sejam elas pertinentes à área biomédica ou não, assim como as razões que determinam vida e morte de indivíduos, grupos, segmentos e populações (PORTO; GARRAFA, 2011, p. 722).

A evidência da necessidade de garantir a qualidade dos serviços de saúde para se conquistar uma qualidade de vida melhor começou a produzir uma maior consciência da dimensão subjetiva da saúde. A identificação de padrões simbólicos e comportamentais do que seja qualidade de vida “apontou a necessidade de aprofundar essa análise, agregando elementos para tecer considerações de cunho valorativo, como faz a filosofia” (Idem, p. 721).

Maria do Céu Patrão Neves e Walter Osswald apresentam a bioética como uma ética aplicada, pois querem diferenciá-la das éticas profissionais<sup>5</sup> e das éticas especiais. Também indicam que foi no contexto do século XX que as éticas aplicadas surgiram e se desenvolveram. Adela Cortina, por sua vez, nos informa que a “história da filosofia é, de certa forma, a história de suas viradas. No século XX sofremos pelo menos quatro: a virada linguística, a hermenêutica, a pragmática, e, por fim, a virada aplicada” (1996, p. 119). É nesse contexto que surgiu a bioética, pois há a real necessidade de orientar a ação e as decisões humanas frente a situações conflitivas específicas. É por isso que se pode falar de campos específicos de aplicação da ética, como, por exemplo, a política, a economia, os negócios, a medicina, a saúde, a vida, a tecnologia, a educação, entre outros. Nesse sentido, estamos sempre considerando a

---

<sup>5</sup> O debate sobre a bioética ser ou não uma ética aplicada é bastante longo e detalhado, e, por isso, não cabe ser discutido aqui, mas apenas indicar que há divergências quanto a esse ponto entre os bioeticistas. Diego Gracia, por exemplo, afirma que “a bioética não é a ética dos profissionais de saúde, mas a ‘ética da vida’. Não se trata, portanto, de uma ética aplicada, de mais uma junto à ética de políticos, jornalistas, banqueiros, etc. Não é uma ética particular, mas uma ética geral” (2020, p. 7).

aplicação da ética a uma determinada área de atuação profissional, mas não buscando o seu fundamento moral. Por isso, é muito importante não confundir as éticas aplicadas com as éticas profissionais ou com as éticas especiais. As “éticas profissionais” são formuladas pelos profissionais de uma determinada área e fundamentam-se na moralidade vivida por tal grupo (por exemplo: o código de ética médica, o código de ética farmacêutica, o código de ética da enfermagem, etc.). As “éticas especiais” são constituídas por um conjunto de princípios universais e abstratos transformados em normas específicas que se aplicam verticalmente a situações singulares (por exemplo: a ética católica, a ética protestante, etc.). As “éticas aplicadas”, nas palavras de Maria do Céu Patrão Neves e Walter Osswald,

[...] respondem, pois, de uma forma ampla e consensual, às questões concretas que emergem da diversidade de domínios da actividade humana quotidiana em que os cidadãos são chamados a intervir, uma vez que as normas de acção não estão preestabelecidas e são permanentemente reformuladas ao longo da prática. É nesse sentido que as éticas aplicadas são hoje indispensáveis à convivência democrática e a uma cidadania activa (PATRÃO NEVES; OSSWALD, 2014, pp. 45-46).

Desta forma, diante dessa breve contextualização queremos nesta reflexão tratar a bioética como uma ética aplicada, mas uma ética aplicada que evidência a dimensão da saúde, não apenas no sentido da saúde humana, mas a saúde natureza, a saúde social, entre outras, uma vez que cada uma dessas dimensões tem forte impacto na saúde das outras dimensões.

## **1 – SOBRE O NASCIMENTO DA BIOÉTICA**

A bioética nasceu nos Estados Unidos da América no final da década de 1960 e início da década de 1970. É fruto de vários acontecimentos culturais, sociais e científicos, os quais levaram o oncologista estadunidense Van Rensselaer Potter (1911-2001) a ter um olhar mais atento à forma como a ciência progredia. Potter desenvolveu uma preocupação com relação aos avanços científicos, pois criou uma relação entre ciência e sabedoria prática. Ao perceber os problemas que o século XX estava mergulhando, o autor publicou seu livro *Bioética: Ponte para o Futuro* na perspectiva de atrair a atenção da humanidade sobre os conflitos provocados pelo mundo científico, sendo que com isso Potter propôs uma nova forma de relacionar-se com a natureza, com o mundo, isto é, uma nova ética.

Vale lembrar que a bioética como área de conhecimento existe há pouco mais do que cinquenta anos, quando assume-se a sua ampla divulgação a partir de seu re-nascimento com Van Rensselaer Potter (1911-2001) e com o *Kennedy Institute of Ethics* (cf. ZANELLA; SGANZERLA, 2020, p. 12-13). Como já é amplamente conhecido, é muito comum atribuir a Van Rensselaer Potter, oncologista estadunidense, a introdução do termo “bioética”, em 1970, quando se referia à solidariedade com a biosfera, gerando uma “ética global”, uma nova disciplina entendida como uma “ponte” entre biologia, ecologia, medicina e valores humanos, a fim de alcançar a sobrevivência dos seres humanos e outras espécies animais. No entanto, a palavra “bioética” já havia sido usada décadas antes pelo pastor protestante alemão Fritz Jahr (1895-1953) (ZANELLA, 2022, p. 36). Ele é considerado um dos “pais da bioética” e o “pai da bioética europeia”, porque foi ele quem cunhou pela primeira vez o termo “*Bio-Ethik*” (GOLDIM, 2009, p. 378).

Na história de bioética – amplamente referenciada – de Albert Jonsen (1931-2020), os fundadores e estudiosos do *The Hastings Center* (1969) e do *Kennedy Institute of Ethics* (1971) figuram com destaque, e a narrativa de Jonsen implica uma transição natural de uma nova ética médica dentro dessas estruturas para uma nova medicina posterior à Segunda Guerra Mundial, significativamente marcada pelo novo termo “bioética”. Ao refletir sobre o advento da bioética, mas quase duas décadas depois, Hugo Tristram Engelhardt Jr. (1941-2018) observou como

[u]ma nova palavra, com frequência, nos permite nomear elementos da realidade de uma maneira que transmite um novo controle sobre nosso ambiente cultural. Muitas vezes, não é a precisão de uma palavra a sua fonte de poder e utilidade. Na verdade, é a imprecisão, a falta de clareza, que nos permite nomear e reunir a um só tempo muitas áreas de interesse. Uma palavra adequada pode agregar um rico conjunto de imagens e significados que nos ajudam a ver relações entre elementos da realidade que estavam anteriormente separados em nossa visão e eram considerados apenas como disparatados. Uma palavra desse tipo tem uma ambiguidade fértil ou estratégica. Esse foi o caso de “bioética” [...]. A palavra “bioética” prestou um serviço brilhante ao reunir um grupo amplo de interesses culturais importantes. O termo era profundamente heurístico (ENGELHARDT, JR, 2018, p. 27; p. 31).

O ponto de vista amplamente difundido, representado por Jonsen e Reich, é que o termo bioética teve um “duplo nascimento”, entre 1970-1971, com duas visões notavelmente diferentes sobre o que o termo bioética implicaria (JONSEN, 1998, p. 27). Jonsen aponta para o oncologista Van Rensselaer Potter (1911-2001) como o primeiro a começar a escrever sobre bioética em um artigo de 1970, *Bioética: A Ciência da Sobrevivência*, que foi seguido por um

livro em 1971, *Bioética: Ponte para o Futuro* (POTTER, 2016). A visão de Potter deve ser vista como uma extensão da ética da terra de Aldo Leopold (1887-1948) para incluir todos os elementos do ambiente humano. A dedicatória de *Bioética: Ponte para o Futuro* é para Aldo Leopold, especialmente em uma parte de sua obra, na qual se refere aos três tipos de ética: o primeiro entre os indivíduos (por exemplo, o Decálogo), o segundo entre os indivíduos e a sociedade (por exemplo, a Regra de Ouro); o terceiro consiste em uma extensão dessa sequência a considerações ecológicas (LEOPOLD, 2019, p. 225-226). A bioética, como Potter a imaginou, deveria se concentrar em muito mais do que apenas em questões de ética biomédica, levando em consideração todas as questões biológicas, comunitárias e relacionais do ser humano na ecologia do mundo natural. Ao buscar tal harmonia, Potter procurou unir as “duas culturas” das ciências e das humanidades (ZANELLA, 2018). Isso envolveu tanto uma expansão para além das interpretações mecanicistas da biologia quanto das visões imateriais da ética. Portanto, biologia e sabedoria estão intimamente ligadas para Potter, e ele não se esquivou de conectar essas atividades à sobrevivência da humanidade, atualmente empenhada em consumir tecnologicamente e economicamente os recursos finitos do mundo físico (POTTER, 2016, p. 27). Potter une as observações de trinta anos de pesquisa em oncologia ao lado da filosofia ambiental e de filósofos, cientistas e espiritualistas, como Teilhard de Chardin (1881-1955), por exemplo. Para muitos familiarizados apenas com a literatura bioética da última década, é provável que o “Credo Bioético” de Potter pareça totalmente desconexo da bioética contemporânea. O credo de Potter integrou cinco declarações de crenças e compromissos em relação à aceitação pessoal de crises ecológicas globais, ao papel da humanidade nessas crises, à singularidade da relação indivíduo-sociedade, à inevitabilidade do sofrimento humano com o compromisso de não aceitar passivamente novos sofrimentos causados pela humanidade, e à aceitação da finitude e da finalidade da vida, conforme necessário, para promover a vida geracional. Em resumo, para Potter,

[a] bioética, como eu [Potter] a imagino, tentaria gerar sabedoria, o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social a partir de um conhecimento realista da natureza biológica humana e do mundo biológico. Para mim [Potter], um conhecimento realista do ser humano é um conhecimento que inclui seu papel como um sistema de controle adaptativo com tendências de erro incorporadas. Essa visão mecanicista, que combina elementos reducionistas e holistas, seria totalmente incapaz de gerar sabedoria, a menos que fosse complementada tanto com a perspectiva humanista quanto com a perspectiva ecológica [...]. O mundo atual é dominado por

políticas militares e por uma ênfase exagerada na produção de bens materiais. Nenhum desses empreendimentos tem apresentado qualquer pensamento sobre os fatos básicos da biologia. Semear acordos biológicos em nível internacional é uma tarefa urgente para a bioética (2016, pp. 51-52).

Ainda, na narrativa de Jonsen, André Hellegers foi a segunda figura a inaugurar o termo bioética e, não surpreendentemente, seu uso do termo é aquele que ganhou reconhecimento dentro da área. Em vez de encarar a ética como um termo amplo e inclusivo que abordasse a ecologia, a biologia, a filosofia e a espiritualidade, como em Potter, Hellegers e outros na *Georgetown University* viam a ética como “um exame rigoroso com base em normas morais” (JONSEN, 1998, p. 27). O modelo de bioética apresentado pelo *Kennedy Institute of Ethics* tornou-se a versão difundida de bioética, além disso, muitos dos primeiros trabalhos essenciais em bioética – incluindo a *Encyclopedia of Bioethics* (1978), editada por Warren Thomas Reich,<sup>6</sup> o artigo de Daniel Callahan *Bioethics as a Discipline* (1973) (CALLAHAN, 2017), e outros textos fundamentais da bioética estadunidense – não mencionam a visão de Potter da bioética. A diferença entre as duas visões é forte e é fácil focar a visão de Potter como uma ética cosmológica ou global, enquanto a visão de Hellegers e do *Kennedy Institute of Ethics* se concentra em uma ética médica restrita, mas, como Reich demonstra, o assunto é mais complicado. Primeiro, Potter usou o termo bioética “global” de uma maneira ambígua que poderia:

i) relacionar ou envolver toda a terra: uma ética mundial para o bem do mundo; ii) implica a inclusão abrangente de todas as questões éticas nas ciências da vida e na assistência à saúde (tanto as questões “biomédicas” quanto as “ambientais” deste debate clássico); e iii) utilizar uma visão abrangente de métodos para abordar essas questões: incorporar de forma abrangente todos os valores, conceitos, modos de raciocínio e disciplinas relevantes (REICH, 1995, p. 24).

Potter parece ter enfatizado todos os três aspectos da bioética global como bioética em momentos diferentes, enquanto o modelo proposto pelo *Kennedy Institute of Ethics* tratava inconfundivelmente a ética médica como bioética, estreitando consideravelmente o seu foco. Além disso, a experiência de Potter em oncologia, sem dúvida, influenciou seu desejo de

---

<sup>6</sup> Warren Thomas Reich foi o editor-chefe das duas primeiras edições da *Encyclopedia of Bioethics*, em 1978 e em 1995. A terceira edição, de 2004, teve como editor-chefe Stephen G. Post, que havia sido editor-associado da segunda edição. A quarta e atual edição da enciclopédia passou a ser designada apenas por *Bioethics*, e tem como editor-chefe Bruce Jennings (JENNINGS, 2014).

procurar medidas preventivas, saúde ambiental, políticas agrícolas, bem como educação global em saúde e, em termos gerais, esses objetivos estão alinhados ao trabalho de Hellegers e de outros autores ligados ao *Kennedy Institute of Ethics* sobre “o desequilíbrio mundial entre os poderosos e os impotentes” (REICH, 1995, p. 25) e a infertilidade humana global em meio a problemas sociais e econômicos nos países em desenvolvimento. Reich argumenta que a mensagem abrangente de Hellegers abordava muito mais que questões superficiais e processuais e que as formas de formulação de debates em bioética “imploravam a questão de por que estamos na medicina em primeiro lugar” (Idem, p. 28). Em suma, “implícita e indiretamente”, Hellegers reconheceu “deficiências” no modelo de bioética da *Georgetown University*, enquanto “participava com entusiasmo” (Ibidem). Sem dúvida, em parte devido à força do nome da *Georgetown University* e ao financiamento concedido a Hellegers com sucesso, a bioética se tornou um neologismo associado principalmente aos problemas do campo biomédico.

## 2 – ALTERNATIVAS ÉTICO-FILOSÓFICAS DA AMPLIAÇÃO DA BIOÉTICA

A história da bioética, segundo Adela Cortina, pode ser classificada em três níveis: *macrobioética* (refere-se a ordem global com questões relacionadas a ação humana com a natureza e seus desdobramentos), *mesobioética* (trata dos sistemas de saúde e sua relação com a economia em busca de uma justiça mínima) e a *microbioética* (relacionada às questões de bioética clínica) (CORTINA, 2016).

Embora cada um desses níveis tenha propósitos específicos, é possível também identificar entre eles aspectos comuns, sobretudo, em relação à necessidade de ampliar os parâmetros ético-filosóficos da tradição para atender às novas demandas do tempo histórico, marcadas por um processo de secularização e de renovação dos costumes, pelo aumento do poder e da capacidade tecnocientífica de interferir sobre a natureza humana e da vida da biosfera, pela necessidade de se buscar a justiça socioambiental, pela forte presença da tecnologia na área da saúde, pela proteção da integridade humana de todos os indivíduos, principalmente em pesquisa, entre outras mudanças no contexto do nascimento da bioética.

Dos três níveis acima apontados, a bioética em suas primeiras décadas de existência, manteve-se limitada a tratar das questões de bioética clínica, sobretudo, na busca de parâmetros

éticos mínimos para orientar a relação médico-paciente e as pesquisas clínicas frente aos abusos que estavam sendo praticados. Para esse nível da bioética, o principlismo como suas bases voltadas à autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça representou um verdadeiro marco na história em defesa da dignidade humana.

No entanto, apesar da rica contribuição trazida pela bioética principlista com o propósito de proteger o indivíduo, as questões coletivas, principalmente relacionadas à saúde e a qualidade de vida, demandavam uma ampliação dos pressupostos éticos, uma vez que amadureceu a compreensão de que a saúde humana está diretamente relacionada à saúde da terra.

Nesse sentido, diferentes pensadores deram a sua contribuição. No entanto, o espaço limitado nessa reflexão exige-nos priorizar apenas dois desses autores: o bioquímico Van Rensselaer Potter (1911-2001), considerado um dos “pais da bioética” e defensor das ideias de uma bioética global, e o filósofo Hans Jonas (1903-1993) um dos pioneiros a tratar da urgente necessidade de rever os parâmetros éticos da tradição filosófica, de modo a proteger a totalidade da vida da biosfera frente às ameaças das ideias de progresso da civilização tecnológica.

A distância temporal e espacial dos dois autores é pequena. Na década de 1970, Potter atuava como pesquisador na cura do câncer na Universidade de Wisconsin, na cidade de Madison (EUA). Jonas, por sua vez, a convite do filósofo Daniel Callahan, compôs a equipe do prestigiado centro de pesquisas médicas norte-americano, em Nova York, conhecido como Hasting Center (SGANZERLA, 2020).

Embora o bioquímico e o filósofo se utilizem de linguagens e expressões distintas para tratar da necessidade de ampliar os parâmetros éticos, Potter classifica a ampliação da ética como bioética e Jonas opta por compreendê-la como parte das questões de ética aplicada. Assim, os dois pensadores têm um propósito em comum, qual seja, a necessidade de ampliar e renovar os parâmetros éticos para atender às demandas da mesobioética, mas, sobretudo, dos desafios apresentados pela macrobioética. Entre os principais elementos de revisão das bases da tradição ética destacam-se:

A) *Em defesa de uma ética que proteja a totalidade da vida da biosfera:* Desde a antiguidade clássica até meados do século XX a tradição ético-filosófica privilegiou o ser humano com a justificativa de que a ética se reduziria aos seres racionais. Com base nessa

argumentação, a natureza extra-humana não pertenceria ao universo da moral, uma vez que não seria portadora de razão e nem de liberdade de fazer escolhas.

No entanto, a fragilidade demonstrada pela natureza devido à desmedida ação humana fez Potter reconhecer que é preciso ampliar as bases éticas de “ir além de uma ética ser humano/ser humano, para uma ética ser humano/sociedade, e ser humano nação, e ser humano Terra” (POTTER, 2018b, p. 47). Em outras palavras, é preciso ir além do antropocentrismo ético, baseado na racionalidade, uma vez que a natureza se demonstrou extremamente vulnerável a ação humana com o uso da técnica. Para tanto, é preciso que o ser humano se reconheça como membro e parte da comunidade biótica, de modo a conceber a terra não somente como solo ou matéria de riqueza, mas sim como uma “fonte de energia que flui através de um circuito de solos, plantas e animais” (LEOPOLD, 2019, p. 237). E essa energia da natureza é fundamental para a saúde humana, uma vez que a saúde humana está relacionada à saúde da terra. Ao acrescentar a expressão profunda na clássica denominação da bioética global, Potter reconhece um valor intrínseco na natureza, uma dimensão mística e espiritual.

A necessidade de ampliar a proteção ética à totalidade da vida da biosfera, diante do poder do *homo faber* de interferir no ciclo e na essência da vida humana e extra-humana, se faz presente nas teses centrais defendidas na ética da responsabilidade de Jonas. O filósofo faz uma distinção entre técnica pré-moderna e técnica moderna. Em relação à técnica pré-moderna, afirma Jonas que nessa fase as interferências humanas sobre a natureza eram superficiais e impotentes para alterar seu equilíbrio e, nesse sentido, “a natureza não era objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si mesma – [...] e diante dela eram úteis a inteligência e a inventabilidade, mas não a ética” (JONAS, 2006, p. 18). No entanto, na fase classificada como moderna a técnica representa uma “empresa, um processo, um movimento [...] e os passos dados não levam a um equilíbrio, mas ao contrário” (JONAS, 2013, p. 22). Nesse sentido, pode-se dizer que a técnica moderna introduziu ações de tamanha grandeza e consequências tão complexas à vida humana e da biosfera que a “moldura da ética antiga não consegue mais enquadrá-las” (JONAS, 2006, p. 39) por isso da necessidade de uma ampliação da ética como bem expressa o subtítulo da sua obra maior: *O princípio responsabilidade: ensaios de uma ética para a civilização tecnológica*.

O reconhecimento do poder e da capacidade humana, com o uso da técnica, de vulnerabilizar o ser humano e a totalidade da vida da biosfera faz Jonas propor novos fundamentos à ética, não mais baseados na racionalidade, mas na ontologia, de modo que o desejo da vida em continuar a viver seja respeitado.

A proposta de superar a visão antropocêntrica da ética de modo a proteger a totalidade da vida da biosfera, defendida por Potter e Jonas, aproxima o bioquímico e o filósofo das teses da ética ecocêntrica fundamentadas no equilíbrio da natureza. Desse modo, ambos não buscam igualar o ser humano aos outros seres da natureza, mas em mostrar que a sobrevivência humana futura com qualidade de vida, defendida por Potter, e o lema de que a humanidade exista, proposto por Jonas, dependem das escolhas humanas realizadas no tempo presente. Essas escolhas somente podem ser consideradas boas e corretas se mantiverem o equilíbrio biótico da natureza (SGANZERLA; ZANELLA; GRAESER, 2021).

*B) Em defesa de uma ética prática:* a defesa de uma ética prática em Potter como bioquímico é mais explícita, uma vez que esse propósito está em sintonia com a sua prática profissional no laboratório na busca da cura do câncer. Suas críticas ao “caráter especulativo ou meditativo [...] sem ter em mente a experiência [...] e sem vínculo com a realidade concreta” (POTTER, 2018b, p. 54) da filosofia tradicional demonstra bem essa preocupação. Ao se afastar das bases da tradição ética, Potter fundamenta sua nova ética, chamada por ele de bioética, na própria biologia, ou seja, ele reconhece na biologia um equilíbrio e uma sabedoria que precisam ser assegurados. Nesse sentido a preservação do equilíbrio biótico tem prioridade sobre o valar de cada vida individual. E o valor de cada vida individual passa a ser medido pela sua contribuição ao todo (POTTER, 2018a).

Quanto a Jonas, embora a filosofia tradicionalmente tenha sido mais teórica, especulativa e abstrata, o filósofo, principalmente a partir da experiência prática do Hasting Center, passa a desenvolver uma filosofia de caráter prático, como ele mesmo define: “pela primeira vez na sua vida a filosofia se tornou importante do ponto de vista prático” (2005, p. 347). E acrescenta que a experiência do Hasting Center o fez mudar a “forma de pensar a filosofia” (Ibidem) dando-lhe um caráter muito mais prático. E conclui que “não mais se limitaria a fazer comentários, mas também a prescrever” (Ibidem) e que, pela primeira vez,

“introduziu uma conexão entre a reflexão sobre a ética da investigação com as decisões extremamente práticas, chegando inclusive à política e legislação” (Idem, p. 345).

*C) Em defesa de uma ética interdisciplinar:* após quase cinco décadas de trabalho no laboratório na busca da cura do câncer sem ter o sucesso desejado, Potter avalia que um dos motivos que impediram descobrir a cura do câncer foi justamente a forma disciplinar como lidaram com o problema. Ou seja, a busca da cura do câncer não pode ficar limitada aos pesquisadores que atuam nos laboratórios. É preciso considerar todo o contexto social, ambiental, cultural, econômico à qual o indivíduo está inserido. Para tanto, outras ciências são fundamentais para essa compreensão.

O amadurecimento da necessidade de se buscar a interdisciplinaridade ética e científica para tratar das questões emergentes em Potter ficou mais evidente após o cientista tomar conhecimento de um texto da antropóloga Margaret Mead intitulado *Em direção a utopias mais vívidas* na qual defendia a necessidade de se criar nas universidades *Cátedras do futuro*, com o propósito de reunir pessoas de diferentes áreas do saber para tratar do futuro da humanidade. Esse diálogo interdisciplinar buscaria uma nova sabedoria humana para lidar com os ideais de progresso, de desenvolvimento e, sobretudo, em relação à vida da biosfera. Nas palavras de Potter: “a nova ética pode ser chamada de ética interdisciplinar, definindo-se interdisciplinaridade de modo especial para incluir tanto as ciências como as humanidades” (2016, p. 30) em busca de uma nova sabedoria.

Da parte de Jonas, a experiência vivida no Hasting Center durante vinte anos em que lá atuou tratando dos problemas do universo da bioética com biólogos, médicos, teólogos, filósofos, juristas e sociólogos, expressa de modo claro que as bases da ampliação ética por ele proposta tem a participação dos diferentes ciências e atores. Afirma Jonas que a experiência do Hasting Center “foi amor à primeira vista” (2005, p. 345).

Uma situação especial vivida por Jonas nesse período foi o convite feito por um grupo de médicos que estavam redefinindo o conceito de morte a partir da morte encefálica. Esses médicos apresentaram a Jonas as justificativas de tal conceito. Entre os possíveis benefícios, defendiam os médicos estaria a questão de uma maior quantidade de órgãos para transplante. Jonas, no entanto, se opôs a esse argumento, sustentando que não se pode pensar um conceito

de morte pelos benefícios que ela possa trazer aos outros, mas somente à própria pessoa que está em estado de morte encefálica.

Na tentativa de convencer Jonas, já que a opinião dele era de extrema relevância, os médicos convidaram Jonas a viver uma experiência de transplante de órgãos no *Centro Médico da Universidade da Califórnia*. Ele aceitou o convite e relatou que não somente esteve presente nas entrevistas com médicos e pacientes, e dos médicos com os doadores de órgãos, “mas que, após vestir-se adequadamente para o centro cirúrgico, presenciou uma operação de um cérebro aberto, sendo essa uma experiência fantástica” (2005, p. 344). Embora Jonas não tenha mudado sua opinião em relação ao argumento da doação de órgãos, fica evidente a sua contribuição crítica à equipe médica, bem como os questionamentos da equipe médica aos seus argumentos (SGANZERLA, A.; MORETTO, G.; 2018)

*D) Em defesa de uma ética do futuro e de longo alcance:* Tradicionalmente, a ética sempre esteve preocupada com as ações humanas do tempo presente, com as situações do aqui e agora. Nesse contexto, o futuro sempre foi pensado como certo, e com isso, nada seria necessário a ser feito no presente para garantir a sua continuidade. Além disso, as consequências das ações humanas deveriam ser avaliadas a curto prazo, e as possíveis consequências negativas imprevisíveis e inesperadas a longo prazo não seriam da responsabilidade do agente que a realizou.

Ao tratar da ética do futuro, Potter afirma que “a ideia que tem que ser promulgada é a de que o futuro do ser humano não é algo que podemos ter por garantido (2016, p. 51), nem mesmo é fruto do progresso humano e nem consequência da evolução darwiniana. Ou seja, a continuidade da existência humana futura, com qualidade de vida segundo Potter, dependerá das escolhas éticas que a humanidade for capaz de fazer no tempo presente. Ao tratar desse futuro, Potter está mais preocupado com o futuro da humanidade do que a sobrevivência individual. Afirma o autor que “nem sequer pedimos necessariamente pela nossa sobrevivência pessoal; apenas pedimos que *sobrevivamos*. Pedimos pela garantia de que, quando morrermos como indivíduos [...] a humanidade viverá” (POTTER, 2018c, p. 66).

A ética do futuro, portanto, não é uma ética a ser praticada no futuro, mas sim uma ética a ser praticada no tempo presente de modo a garantir as condições para as gerações futuras e a sobrevivência do ecossistema. Para Potter, “somente em uma verdadeira renovação de nossa

relação global com o mundo natural é que haverá uma chave para o nosso futuro” (SGANZERLA; ZANELLA, 2018, p. 37). E acrescenta que “a bioética global tentará desenvolver uma moralidade que situe o objetivo de longo prazo de uma sobrevivência humana aceitável” (POTTER, 2018c, p. 74).

Ao tratar da ética do futuro Jonas afirma que o “futuro da humanidade é o primeiro dever do comportamento coletivo humano” (2006, p. 229), pois é preciso garantir a imagem autêntica do ser humano e da natureza em sua condição *sine qua non*. Nesse propósito mais do que a proteção individual de cada ser humano, Jonas busca a proteção do que o autor chama de “ideia” de ser humano.

Se na ética tradicional a reciprocidade é considerada um dos fundamentos centrais, para garantir a tese de que só tem direito a reivindicação aquele que existe, tal fundamento se tornou insuficiente na proposta de uma ética do futuro, segundo Jonas. A ética do futuro proposta pelo filósofo fundamenta-se na ideia da não igualdade, simetria e reciprocidade entre os envolvidos. Afirma o autor que embora o não existente não possa fazer reivindicações “nem por isso pode ter seus direitos lesados” (JONAS, 2006, p. 89). Essa é a consequência mais importante de uma ética que se entende como uma ética do futuro.

Assim sendo, ao lidar com o não existente Jonas afirma que o princípio de uma ética do futuro tem que ser independente tanto da “ideia de um direito quanto da ideia de uma reciprocidade, de tal modo que não caiba fazer-se a pergunta brincalhona, inventada em virtude daquela ética: ‘o que o futuro já fez por mim? Será que ele respeita os meus direitos?’” (Ibidem).

Se o primeiro dever ontológico da ética do futuro é garantir a continuidade da existência futura da humanidade de modo autêntico, e da natureza extra-humana em sua condição de equilíbrio, esse dever obriga a agir de modo a evitar tudo o que possa colocar em risco tal fundamento. É por isso, que Jonas estabelece como deveres de a ética do futuro enxergar os perigos da civilização tecnológica e mobilizar um sentimento do temor frente a eles.

Enquanto a ciência moderna preocupou-se em divulgar os resultados positivos, ignorando senão quando omitindo os erros, a ética do futuro deverá fazer com que os “resultados sombrios da futurologia científica [sejam] divulgados o mais amplamente possível” (JONAS, 2006, p. 149), pois eles representam o imperativo ontológico do dever ser da humanidade, que nos proíbe constantemente da atitude que depois de nós “venha o dilúvio” ou

na aposta de que “tudo pode ser feito”.

Para Jonas, quando um bem ou um valor existe por si mesmo, este carrega a exigência de sua realização na forma de um dever contínuo, tanto pela continuidade da vida no presente, como em relação àqueles que ainda não existem, mas que tem o direito à existência inerente à reponsabilidade do ser humano. Para Jonas tanto a natureza humana como extra-humana são portadoras de valores reconhecidos de modo ontológico, e sua redução ou coisificação operada pelo poder do *homo faber* em vista ao progresso, representa uma degradação de sua estrutura ontológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa reflexão sobre a bioética como uma ética aplicada que evidencia a saúde, conclui-se que tal temática faz parte do núcleo central de ambos os autores. Tanto Jonas quanto Potter oferecem, à sua maneira, uma fundamentação diferente para suas propostas. As respostas para os atuais problemas devem ser construídas de forma interdisciplinar. Potter propôs a bioética como campo interdisciplinar e capaz de auxiliar na solução de vários problemas por ele apontados em seus dois livros sobre o tema, a saber, *Bioética: Ponte para o Futuro* e *Bioética Global: construindo a partir do legado de Leopold*. Potter queria desenvolver uma disciplina que promovesse uma sabedoria capaz de fornecer o conhecimento de como usar o conhecimento, partindo de uma biologia ampliada e comprometida com os valores humanos. Jonas, e certamente após sua entrada no *Hasting Center*, passou a dar um caráter mais prático para sua filosofia, mostrando o papel da filosofia frente aos problemas que emergiam do domínio e aplicação da técnica. A interdisciplinaridade dos membros que compunham o *Hasting Center* faz com que Jonas colocasse em prática o ideal da bioética potteriana.

Esse contexto nos permite localizar historicamente o esforço original que Jonas fez para explicar filosoficamente a natureza e fundar uma ontologia do ser vivo a partir da qual desenvolverá uma ética da responsabilidade para a civilização tecnológica que inclui também alguns aspectos da ética médica que enfatizam, sobretudo, a dimensão do corpo humano. A experiência concreta de Potter na pesquisa da cura do câncer fez com que suas respostas aos problemas identificados em relação à sobrevivência futura, tanto humana, quanto planetária,

também fossem bastante práticas. Ao identificar a necessidade de uma nova ética para garantir a sobrevivência da humanidade, Potter afirma que essa nova ética não poderá ser dualista e que se utilizará dos modernos conceitos da biologia. Nesse sentido, não poderá ser uma nova ética teórica, especulativa ou meditativa, mas sim pragmática e com ações que priorizem a sobrevivência da humanidade a longo prazo.

Em suma, essa reflexão buscou analisar como a bioética enquanto ética aplicada está presente no pensamento de Jonas e de Potter, pois afirma-se que ambos são sensíveis ao clamor, aos gritos e aos ecos da natureza que pedem socorro, e, a partir disso, propõem um conjunto de conhecimentos, reflexões e valores multidisciplinares para orientar a sabedoria humana em vista à sobrevivência humana e planetária. Assim sendo, pode-se dizer que a bioética em Jonas e em Potter amplia as bases da ética tradicional de modo a reconhecer a existência de um equilíbrio no ecossistema, um direito à vida de todos os seres vivos e a necessidade de princípios éticos no presente para garantir um futuro harmônico e sustentável.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, K. S. *Bibliografia bioética brasileira: 1990-2002*. Brasília: Letras Livres, 2002.

CALLAHAN, D. A bioética como disciplina. *Thaumazein*, v. 10, n. 19, 2017, pp. 99-108. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/1975>>.

CORTINA, A. Bioética para el siglo XXI: construyendo esperanza. *Revista Iberoamericana de Bioética*, nº 1, 2016, pp. 01-12. Disponível em: <<https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/6764/6561>>.

CORTINA, A. El estatuto de la ética aplicada: hemenéutica crítica de las actividades humanas. *Isegoría*, n. 13, 1996, p. 119. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=149417>>.

DINIZ, D.; GUILHEM, D.B.; GARRAFA, V. Bioethics in Brazil. *Bioethics*, v. 13, n. 3-4, 1999, pp. 244-248. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8519.00152>>.

ENGELHARDT, JR., H. T. Apresentação. In: POTTER, Van Rensselaer. *Bioética global: construindo a partir do legado de Leopold*. São Paulo: Loyola, 2018.

GOLDIM, J. R. Revisiting the Beginning of Bioethics: The Contribution of Fritz Jahr (1927). *Perspectives in Biology and Medicine*, v. 52, n. 3, pp. 377-380, 2009. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/315714>>.

GRACIA, D. Prefácio. In: SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (orgs.). *A bioética de V. R. Potter: 50 anos depois*. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

HOSSNE, W. S.; ALBUQUERQUE, M. C.; GOLDIM, J. R. Nascimento e desenvolvimento da bioética no Brasil. ANJOS, M.F.; SIQUEIRA, J.E. (Orgs.). *Bioética no Brasil: tendências e perspectivas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2007. pp. 143-160.

JENNINGS, B. (ed.). *Bioethics*. 4th ed. Farmington Hill, Mich: Gale Cengage Learning, 2014.

JONAS, H. *Memorias*. Traducción de Illana Giner Comín. Madri: Editorial Losada, 2005.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad.: Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed. PUC-RJ, 2006.

JONAS, H. *Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. São Paulo: Paulus, 2013.

JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LEOPOLD, A. *Almanaque de um condado arenoso e alguns ensaios sobre outros lugares*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

PATRÃO NEVES, M. C; OSSWALD, W. *Bioética simples*. Lisboa: Verbo, 2014.

PORTO, D.; GARRAFA, V. A influência da Reforma Sanitária na construção das bioéticas brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, supl. 1, 2011, pp. 719-729. p. 723. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16s1/a02v16s1.pdf>>.

POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Editora Loyola, 2016.

POTTER, V. R. A bioética global diante de um mundo em crise. In: PESSINI, L.; SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (Orgs.). *Van Rensselaer Potter: um bioeticista original*. São Paulo: Loyola, 2018c, pp. 63-74.

POTTER, V. R. *Bioética global*. São Paulo: Edições Loyola, 2018a.

POTTER, V. R. Bioética. In: PESSINI, L.; SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (orgs.). *Van Rensselaer Potter: um bioeticista original*. São Paulo: Loyola, 2018b.

REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/245728>>.

SCHRAMM, F. R. A identidade sanitária da bioética brasileira e a bioética da proteção no contexto da globalização. *Revista Facid: Ciência & Vida*, v. 4, n. 1, 2008, pp. 129-142.

SGANZERLA, A. Hans Jonas e a promoção da bioética global de V. R. Potter. *Pensando. Revista de filosofia*. Vol. 11, nº 24, 2020, pp. 60-72. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/11390>>.

SGANZERLA, A.; MORETTO, G. Hans Jonas e a ética em pesquisa. *Revista Dissertatio*. Dossiê Hans Jonas e a bioética. Vol. Suplementar 7, UFPel, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/13635>>.

SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. Os escritos de Van Rensselaer Potter. In: PESSINI, L.; SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (Orgs.). *Van Rensselaer Potter: um bioeticista original*. São Paulo: Loyola, 2018, pp. 35-44.

SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C.; GRAESER, V. N. Potter e o equilíbrio do ecossistema como fundamento da moralidade da bioética. *Revista Iberoamericana de Bioética*, n. 17, 2021, pp. 01-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.14422/rib.i17.y2021.001>>.

TEN HAVE, H. A. M. J. O conceito de bioética de Potter. In: PESSINI, L.; SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (Orgs.). *Van Rensselaer Potter: um bioeticista original*. São Paulo: Loyola, 2018, pp. 75-97.

ZANELLA, D. C. Fritz Jahr e as origens da bioética. In: ROCHA, D. M. (org.). *Textos fundamentais de bioética: um olhar sobre a vida e o futuro*. São Paulo: Loyola, 2022, pp. 35-50.

ZANELLA, D. C. Humanidades e ciência: uma leitura a partir da bioética de Van Rensselaer (V.R.) Potter. *Interface*, v. 22, n. 65, pp. 473-480, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0914>>.

ZANELLA, D. C.; GUILHEM, D. B. *História da bioética no Brasil*. Curitiba: PUCPRESS, 2023.

---

**Informações complementares:**

*Recebido em:* 02 de outubro de 2023

*Aprovado em:* 14 de outubro de 2023

*Publicado em:* 30 de outubro de 2023